



Recuperar mercados de carne bovina

O Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (MAPA) pretende superar as restrições impostas às carnes brasileiras em razão da ocorrência de febre aftosa no Mato Grosso do Sul. Por causa dos focos da doença, 49 países suspenderam, total ou parcialmente, a entrada da carne bovina do Brasil.

Além de intensificar as negociações bilaterais para reabrir os mercados às carnes brasileiras, em especial, as de bovinos *in natura* e industrializadas, o governo vai concentrar esforços para que a América Latina crie um programa

de erradicação da aftosa. A proposta foi discutida durante reunião do Conselho de Agricultura do Cone-sul (CAS), realizada em meados de novembro em Santa Cruz de la Sierra, na Bolívia. O território brasileiro sempre será vulnerável, enquanto não se eliminar a doença em todo o continente.

Para erradicar os focos de aftosa no MS, foram tomadas as ações recomendadas pelas normas internacionais. Os resultados dos exames das amostras coletadas em animais do Paraná ainda não confirmam as suspeitas da doença. Os diagnósticos deram resultado negativo e

novos testes foram feitos para se chegar a uma conclusão segura.

A próxima etapa da imunização do rebanho do Estado está prevista para janeiro e fevereiro de 2006. A antecipação da vacinação contra a aftosa no Rio Grande do Sul é vista de forma positiva.

PERDAS NAS EXPORTAÇÕES

A Abiec (Associação Brasileira das Indústrias Exportadoras de Carne) estima que as perdas em novembro, quando comparadas com as de outubro, sejam de US\$100 milhões. Uma queda de US\$215

milhões para US\$115 milhões, ou seja, menos 46,51%.

O recuo das exportações de carne em outubro em relação ao mês anterior foi de US\$68 milhões, ou 24%. Os números incluem carne *in natura* e industrializada. A estimativa da Abiec para as vendas ao exterior neste ano caiu de US\$3 bilhões para US\$2,8 bilhões.

O MAPA divulgou que o prejuízo causado pela febre aftosa nas exportações deverá chegar a US\$1,7 bilhão no período de seis meses, no qual deve durar o embargo às carnes brasileiras. Desse montante, US\$1,1 bilhão seria de carne bovina, e o restante, de suína.

Entre as ações a serem tomadas para derrubar os embargos com mais rapidez, consta a necessidade de mandar informações aos países compradores da carne brasileira, em nome da credibilidade e transparência, além de medidas como informações técnicas e convite a países compradores para visitarem o Brasil e verificarem as ações implantadas.

A União Européia, que reúne 25 países e restringiu carnes de Mato Grosso do Sul, São Paulo e Paraná, é uma das prioridades. A Europa é um tópico especial, pois é a única alternativa compradora de carnes nobres. Terceiro maior comprador de carne bovina em 2004, com US\$198 milhões, o Chile proibiu a importação do Brasil, de qualquer local de origem.

Na avaliação da Abiec, novembro deverá ser o pior mês para as exportações, desde que o primeiro foco em Mato Grosso do Sul foi anunciado em 10 de outubro. Há a aposta de que as reversões dos embargos anunciados por 49 países ganhem fôlego em dezembro. Um grupo de trabalho, composto por membros do governo e da iniciativa privada, foi organizado com a missão de solicitar justificativas técnicas que sigam as regras da Organização Mundial de Saúde Animal. ■

Lições da crise da aftosa

JOÃO HILÁRIO DA SILVA JR. *

Vivemos mais um episódio ligado à febre aftosa em nosso país. Como meu interesse no assunto é bem específico, não analisarei as conseqüências e as causas desta situação.

Em junho deste ano, participei de um encontro latino-americano sobre comunicação social e educação sanitária, promovido pelo Ministério da Agricultura. Foi o XV ENESCO - Encontro Internacional de Educação Sanitária e Comunicação Social. A temática do evento girava em torno da troca de experiências entre cerca de dez países latino-americanos a respeito das iniciativas de governo rumo à comunicação social, educação e ao controle sanitário rural.

No conceito da Comunicação Total®, "a propaganda é apenas parte de um todo". Em todos os casos, trabalhamos soluções que saem da pertinência para com os objetivos do negócio e público. Nessa interpretação, tratamos do conteúdo da comunicação no âmbito da educação sanitária.

Num mundo globalizado, em que o mercado é todo o Planeta e os consumidores estão espalhados pelas mais diversas culturas, o produtor rural deixa de ser um ser isolado, preocupado apenas com os aspectos produtivos de sua atividade econômica. Ele passa a fazer parte de uma cadeia de fornecimento do agronegócio internacional. Faz parte do conteúdo da comunicação voltada à educação sanitária envolvê-lo e mostrar a ele, além dos prejuízos pessoais, as conseqüências que afetam as divisas do País.

Além das noções de sanidade propriamente ditas, o produtor precisa receber informações e contextos para a sua inserção neste mercado comum mundial. Nesse processo, a participação da iniciativa privada passara a ser vital. Uma oportunidade para se posicionar ao lado do produtor e ajudá-lo a atuar de maneira mais adequada à realidade. O resultado será ganhar a gratidão de um cliente ou fornecedor mais capacitado, e, conseqüentemente, sua fidelização de forma inequívoca.

Com isso, construímos mais profissionalismo e eficiência para o agribusiness internacional brasileiro. Uma minimização dos riscos de incidentes, com perdas de mercado e de divisas para o País.

O agronegócio nacional, apesar de ser um dos setores de ponta brasileiros, quer seja do ponto de vista produtivo como do econômico, ainda carece de muita evolução de gestão, de inserção internacional e de tratamento na comunicação. Vamos desenvolver mais talento e habilidade para realizar essa tarefa.

* Diretor da Fischer América Unidade de Agronegócios, jhilario@totalcom.com.br.